

A Metamorfose a partir da Fenomenologia da Percepção: Um encontro da angústia através do corpo em Kafka e Merleau-Ponty

Bruno Henrique Souza de Jesus¹

RESUMO: Desviando-se das concepções cartesianas que estabelecem oposições entre corpo/mente e corpo/mundo, este texto utiliza uma abordagem sociológica da filosofia de Merleau-Ponty e da literatura Kafkaiana, que é lida como “realista fabulista” (ANDERS, 1990), para compreender como o corpo se manifesta na literatura e, principalmente, como está relacionado com a construção e reconstrução da subjetividade. Com base nas considerações apresentadas, o livro *A Metamorfose* (KAFKA, 2017) será analisado sob uma perspectiva da Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 1999). O artigo é dividido em três partes: na primeira, *A Metamorfose: Ruptura e Abertura a Angústia*, é realizada uma apresentação mais descritiva de *A Metamorfose* (KAFKA, 2017) e é apontado como a angústia está presente no livro a partir da apresentação da obra e de uma discussão fundamentada em leituras secundárias; na segunda, *Reflexões sobre a Existência Corpórea em Merleau-Ponty*, é discutido como a fenomenologia da percepção se opõe a ideais escolásticos e idealistas, pensando uma ontologia através do corpo, ao mesmo tempo que se distancia das reflexões behavioristas e biologizantes; na terceira, *A Fenomenologia da Percepção Junto A Metamorfose*, é realizada uma leitura de elementos presentes em *A Metamorfose* (KAFKA, 2017) para compreender à luz da fenomenologia da percepção.

Palavras-chave: Fenomenologia da Percepção; Corpo; Angústia; Kafka.

Metamorphosis from the Phenomenology of Perception: An encounter of anguish through the body in Kafka and Merleau-Ponty

ABSTRACT: Diverting from Cartesian conceptions that establish oppositions between body/mind and body/world, this text uses a sociological approach to Merleau-Ponty’s philosophy and Kafka’s literature, which is read as “fabulist realism” (ANDERS, 1990), to understand how the body manifests itself in literature and, mainly, how it is related to the construction and reconstruction of subjectivity. Based on the considerations presented, the book *The Metamorphosis* (KAFKA, 2017) will be analyzed from a Phenomenology of Perception perspective (MERLEAU-PONTY, 1999). The article is divided into three parts: in the first, *The Metamorphosis: Rupture and Opening to Anguish*, a more descriptive presentation of *The Metamorphosis* is made (KAFKA, 2017) and it is pointed out how anguish is present in the book from the presentation of the work and a discussion based on secondary readings; in the second, *Reflections on Corporeal Existence in Merleau-Ponty*, it is discussed how the phenomenology of perception opposes scholastic and idealistic ideals, thinking about an ontology through the body, at the same time that it distances itself from behaviorist and biologizing reflections; in the third, *The Phenomenology of Perception Along with Metamorphosis*, a reading of elements present in *The Metamorphosis* (KAFKA, 2017) is carried out to understand in the light of the phenomenology of perception.

Keywords: Phenomenology of Perception; Body; Anguish; Kafka.

Introdução

A consciência do mundo não está fundada na consciência de si, mas elas são rigorosamente contemporâneas: para mim existe um mundo porque eu não me ignoro; sou não dissimulado a mim mesmo porque tenho um mundo.

Maurice Merleau-Ponty

Desviando-se das concepções cartesianas e idealistas que estabelecem oposições entre corpo/mente

¹ Doutorando e mestre em Sociologia (PPGS/UFS), membro do SOCIOFILO - (co)Laboratório de Teoria Social e do LABEURC - Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais.

e corpo/mundo, este ensaio utiliza uma abordagem sociológica da fenomenologia de Merleau-Ponty e da literatura kafkiana, mais especificamente, *A Metamorfose* (KAFKA, 2017), para compreender como o corpo se manifesta na literatura escolhida e, principalmente, como está relacionado a construção e reconstrução da subjetividade. A partir de tais apreensões, estabeleço como questão central a seguinte pergunta: Qual a percepção existencial presente em *A Metamorfose* (KAFKA, 2017)?

O método utilizado para desenvolver a discussão proposta no artigo é a literatura comparada. É importante ressaltar que o objetivo deste artigo não se concentra na comparação das disposições e contextos dos dois autores, mas busca realizar uma leitura que considere a dimensão corpórea nas obras selecionadas. Para alcançar os resultados, o artigo se baseia em uma reflexão sobre o corpo e sua relação com a angústia, para então conduzir uma discussão sobre a transformação do corpo de Gregor Samsa - personagem principal de *A Metamorfose* (KAFKA, 2017) - em um inseto, relacionando a obra literária com a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1999).

Com base nas considerações apresentadas, o livro *A Metamorfose* (KAFKA, 2017) será discutido a partir de uma perspectiva fenomenológica, mais especificamente da fenomenologia da percepção. Trata-se de pensar como o livro de Kafka estabelece uma relação entre o corpo e a subjetividade a partir do encontro com a angústia. Vale ressaltar que a obra de Kafka é lida como “realista fabulista” (ANDERS, 1990), ou seja, mesmo em contos que pareçam mais fantasiosos, ele captura relações e aspectos que podem ser utilizados para estudar na realidade. A partir de tal compreensão, mesmo que o presente ensaio não seja um estudo das disposições do escritor, é importante relacionar sua literatura à filosofia, pela sua pretensão em retratar e fazer o leitor refletir sobre aspectos e angústias da realidade a partir de casos que causam estranhamento.

Na primeira parte do artigo, *A Metamorfose: Ruptura e Abertura ao Angústia*, é realizada uma apresentação mais descritiva de *A Metamorfose* (KAFKA, 2017) e é apontado como a angústia está presente no livro a partir da apresentação da obra e uma discussão fundamentada em leituras secundárias. Na segunda parte do artigo, *Reflexões Sobre o Existência Corpórea em Merleau-Ponty*, discute como a fenomenologia da percepção se opõe a ideais escolásticos e idealista, pensando uma ontologia através do corpo, ao mesmo tempo que se distancia de reflexões behavioristas e biologizantes. Na

terceira e última parte do artigo, *A Fenomenologia da Percepção Junto a Metamorfose*, é realizada uma leitura de elementos presentes em *A Metamorfose* (KAFKA, 2017) para compreender a obra à luz da fenomenologia da percepção.

A Metamorfose: Ruptura e Abertura ao Angústia

Como já foi dito, este artigo não busca discutir a dimensão disposicional do autor. Cabe lembrar, todavia, um dos aspectos de Franz Kafka que mais chama atenção: apesar de ser um grande escritor, o autor não tinha a escrita como profissão, dedicando-se ao ofício de produzir contos e romances quando não estava trabalhando como corretor. Kafka tornou-se famoso somente após a sua morte. De acordo com Ramos e Ferreira (2020) e Lahire (2018), a angústia existencial presente nos escritos de Kafka também é um reflexo de sua vida, apesar do presente ensaio não se deter a esse modo analítico.

Existem diversas interpretações que a obra de Kafka pode nos conduzir, no entanto faz-se importante salientar que o existencialismo e a angústia estão sempre presentes em seus textos. Principalmente quando o autor, através de suas narrativas, reflete sobre as relações e demandas que o trabalhador passava na sociedade capitalista do século passado. Outro aspecto destacado na obra de Kafka é como o indivíduo se percebe diante de tais transformações que modulam sua subjetividade, seja por demandas familiares ou do mercado de trabalho: nos seus contos, a “identidade real” (GOFFMAN, 2008) muitas vezes se vê aprisionada por situações que colocam o sujeito em graus de impossibilidade diante das instituições e de dilemas morais que atravessam sua subjetividade.

No livro escolhido, *A Metamorfose* (KAFKA, 2017), a narrativa retrata a vida de Gregor Samsa, um jovem rapaz, caixeiro-viajante, que vive para sustentar a sua família, composta por seus pais que se encontram em idade avançada com seu aposento insuficiente para sustentar as suas vidas, além de viver com sua jovem e empática irmã.

O personagem principal realizava viagens para vender suas mercadorias e sua rotina era dividida entre pegar trens, conversar com pessoas interessadas em seus produtos e lidar com o aspecto burocrático na empresa que trabalhava junto a seus superiores. A vida e as aspirações pessoais de Gregor eram sublimadas pelas crises financeiras que a família passava e pela necessidade de seus pais e sua irmã.

O livro *A Metamorfose* tem uma divisão em três partes. A primeira parte, começa com o ato de acordar de Gregor Samsa e quando ele se dá conta de que está transformado em um grande inseto. Ele passa a se reconhecer enquanto inseto, outro corpo e percebe os novos movimentos e sentidos que são captados por ele. Gregor dialoga com sua família escondido em seu quarto, e também com seu gerente, que demonstra uma pressão do mundo do trabalho até o momento em que se vê completamente transformado. Em seguida, são retratados os primeiros espantos que a família, o médico e o gerente têm ao ver Gregor transformado em um inseto.

No segundo capítulo, a personagem percebe que sua família o abandona, seus pais esquecem o amor de seu filho, confinando-o em um quarto, isolando-o do mundo. O terceiro capítulo narra a degradação da vida de Gregor, que entra em estado mortal de angústia diante da sua desumanização.

Gregor Samsa perde sua humanidade e liberdade e, conseqüentemente, as forças e condições para exercer seu trabalho. Sempre submisso a família, realizando seus desejos, o personagem, após a metamorfose, sente o desprezo e a frieza dos familiares, tornando-se um estrangeiro em seu lar. Gregor era apenas um servo que, após metamorfoseado em inseto e angustiado com sua situação aterrorizante, é abandonado por sua família.

Gregor Samsa passa pelo que no pragmatismo clássico pode ser chamado de “ponto de inflexão” (HUGHES, 1993), ou, na etnometodologia, de “ruptura biográfica” (GARFINKEL, 2018). Refiro-me à situação que coloca o indivíduo em crise, pois seu cotidiano e o seu aprendizado enquanto caixeiro-viajante ou membro que sustenta a família não são mais úteis para a sua condição atual. Gregor precisa voltar para si mesmo, repensar as concepções em meio ao descompasso habitual, pois foi forçado a se reinventar enquanto sujeito. E a partir dessa situação de crise, Gregor Samsa repensa sua própria existência e impossibilidade.

Ou como afirma Latour (2021, p. 20): “Kafka acertou na cabeça: tornar-se um inseto oferece um bom ponto de partida para eu aprender a me orientar e agora fazer um balanço. Mesmo com o corpo machucado e uma perna a menos, é importante repensar.” A partir de tal concepção, Latour utiliza Kafka para repensar o Antropoceno e as conseqüências da pandemia gerada pelo COVID-19, mostrando como pontos de ruptura e crises colocam os indivíduos em posições existenciais e abrem a possibilidade para repensar a si mesmo, até mesmo em meio a situações que ocasionam uma perda ou a

impossibilidade de ser o que se era antes.

A crise e a reconstrução da subjetividade podem ser lidas através de um dos aspectos fundamentais da fenomenologia da percepção, pois como Merleau-Ponty (1999, p. 279) aponta: “Em primeiro lugar, ela não se apresenta como um acontecimento no mundo ao qual se possa aplicar, por exemplo, a categoria de causalidade, mas a cada momento como uma re-criação ou uma re-constituição do mundo.”.

A percepção coloca o conhecimento em movimentos dialéticos que reconstróem o mundo e o sujeito. A partir de tal concepção, é possível refletir como atos de ler sobre o passado, rememorar experiências e até imaginar o futuro primeiramente passam por um campo perceptivo, colocando o corpo como construção essencial da subjetividade.

Gregor Samsa, ao passar pelo processo de metamorfose, vê-se impossibilitado de agir em direção à ideia que se tinha de futuro, além de não poder voltar a ser o que era. O acontecimento do presente coloca o indivíduo em meio à insegurança que rompe a construção do passado e a ideia de futuro, jogando o personagem a uma angústia existencial que o coloca a se pensar não só quem ele é, mas também o que ele não pode mais ser.

Além disso, o processo de metamorfose e as justificativas da família colocam Gregor em uma posição de parasita, isolado com seus próprios pensamentos. Ao perder a habilidade de produzir sons de maneira inteligível a comunicação humana, mas mantendo suas emoções e memórias sobre a vida passada, o personagem se vê em crise com tal ruptura biográfica e descompasso entre o passado e o futuro.

Assim como já foi trabalhado por Giddens (2002), em sua leitura de Freud, Erikson, Sullivan e Winnicott, processos de descontinuidade contextual causam ansiedade e angústia, assim como é vivida por Gregor: aquele que se via preso em sua rotina angustiante diante da locomoção constante que seus trabalhos exigiam, agora se vê ansioso e ainda mais angustiado, ao se ver preso em seu quarto, enquanto sofre o desprezo e a apatia da sua família.

Além disso, há um fenômeno que pode ser considerado como um rompimento de expectativa de reciprocidade da relação discursiva que Gregor tem com a família Samsa, pois ele sempre cuidou, amou e trabalhou de maneira incessante para sua família. Diante do ocorrido, ao invés de Gregor ser cuidado, assim como fez com sua família, passou a existir uma relação de estigmatização, em que Gregor é isolado e tratado com subjugação.

Enquanto o pai de Gregor, Sr. Samsa, o tra-

tou de maneira ríspida fazendo-o perceber que em seu processo de metamorfose não tem o amor de sua família, nem mesmo de sua irmã que começa a vê-lo como um peso e um estorvo. Gregor então começa a entrar em um processo de desaparecimento de si:

Perdido no branco, sem identidade, sem possibilidade de ser identificado, ele foge então de qualquer comunicação, embora seu corpo continue marcando presença. Ele já não tem mais nome, não responde mais, transforma-se em um enigma. Sacudi-lo para tentar despertá-lo não resolve, ele está mergulhado em um exílio interior por sua perda dos sentidos (...) (LE BRETON, 2018, p. 18-19)

A crise que é externa, pelas consequências e relações ocasionadas pela transformação do corpo, se internaliza, de modo que Gregor subjetiva tal processo vivido. E tal abertura a um existencialismo pessimista na vida do personagem é acompanhado pela perspectiva de sua irmã, a morte parece ser algo que acalenta já que Gregor vive em uma profunda crise e se torna um estrangeiro para sua família. Até a falsa liberdade que Gregor cultivava diante de suas viagens e obrigações com sua família passa a desaparecer e sua liberdade, enfim, é se entregar e aceitar a morte, pois seu novo aprisionamento vem acompanhado da repulsa de pessoas com quem teve seu relacionamento mais longo.

Reflexões Sobre o Existência Corpórea em Merleau-Ponty

Para entendermos a dimensão existencial na fenomenologia de Merleau-Ponty, podemos tomar como exemplo o cerne da questão que é sua própria definição de fenomenologia:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 5)

A essência que é buscada por Merleau-Ponty não é um ideal retificador intelectualista e cartesiano que busca pensar através de um conhecimento transcendental da verdade das coisas. A filosofia existencialista da fenomenologia de Merleau-Ponty é transcendental, mas coloca em suspenso as atitudes naturais e entende o mundo como inalienável, ao mesmo tempo que busca reencontrar um contato com o mundo, colocando um estatuto filosófico. O corpo lançado ao mundo é compreendido através

dos seus contextos, injunções e necessidades, para então percebê-lo através do corpo e se perceber nesse contato dialético.

Merleau-Ponty parte de uma reinvenção do conceito de intencionalidade presente em Husserl (2014) para superar dicotomias cartesianas e escolásticas que não só realizavam uma divisão entre corpo e mundo, mas também entre corpo e mente. Husserl pensa a intencionalidade como um *res cogitans*, traço fundamental da consciência, pois ela está voltada para fora de si mesmo, como um sentido de apreensão externa.

O corpo de modo ativo com as sensações, pensando a percepção de modo relacional entre o sujeito e o mundo, em que a percepção não é passiva, mas desenhada pelo próprio corpo lançado ao mundo:

Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe. Não se trata aqui de reduzir a significação da palavra “quente” a sensações de calor, segundo as fórmulas empiristas. Pois o calor que sinto lendo a palavra “quente” não é um calor efetivo. Ele é apenas o meu corpo que se prepara para o calor e que desenha, por assim dizer, a sua forma. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 315)

A partir da apreensão externa, o sujeito se abre a existência, pois o ato de ser acontece dentro daquele contexto conforme Merleau-Ponty (1999, p. 285) menciona, “O sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou sincroniza com ele”.

Ao mesmo tempo, Merleau-Ponty também rejeita concepções de que a percepção é apenas fruto de experiências exteriores e a consciência é apenas um produto da exterioridade. Tais quais as concepções behavioristas de Pavlov:

A reflexologia de Pavlov trata o comportamento como uma coisa, insere-o e absorve-o no tecido dos acontecimentos e das relações do universo. Quando quisermos definir as variáveis de que ele depende efetivamente, nós as encontramos, não nos estímulos tomados como acontecimentos do mundo físico, mas nas relações que não estão neles contidas; desde a relação que se estabelece entre dois matizes de cinza, até às relações funcionais do instrumento ao fim e as relações de expressão mútua da conduta simbólica. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 165)

Portanto, é entendido que a percepção é o

modo que sujeito e objeto realizam uma fusão, pois o ser é o mundo e o mundo é o ser. Não há corpo só, o que existe é uma relação dialética de interdependência constante gerando o corpo-objeto, em que as relações se encontram justamente no *ens realissimum* (HEIDEGGER, 2005) em que o indivíduo encontra sua facticidade no contexto diante de suas possibilidades, mas que ainda não tenha uma atuação determinante para ele.

Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras às suas significações primordiais através da maneira pela qual ele as acolhe. (Merleau-Ponty, 1999, p. 317)

Merleau-Ponty (1999) parte do mesmo princípio de Husserl (2014), mas pensa a intencionalidade através do corpo, pois antes de tudo o ser é corpo e a percepção é o aspecto fundamental da ontologia: “A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 10).

Além do mais, vale ressaltar que Merleau-Ponty também supera outro dualismo, que é o exterior/interior, na sua compreensão crítica à concepção escolástica de que a consciência é um elemento do homem interior e está além dos contextos.

A análise reflexiva acredita seguir em sentido inverso o caminho de uma constituição prévia, e atingir no “homem interior”, como diz Santo Agostinho, um poder constituinte que ele sempre foi. Assim a reflexão arrebatava-se a si mesma e se recoloca em uma subjetividade invulnerável, para alguém do ser e do tempo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 9)

Ao rejeitar a ideia negativa de percepção, Merleau-Ponty a transforma não só em um conceito, mas um meio pelo qual o indivíduo se constitui, trazendo o corpo como primordial e se opondo a ideias de que existem uma crítica e um olhar de fora e superior aos sentidos, sendo fruto do *geist*. Para endossar tal argumentação, vale citar o texto de Sonegth (2021) que Merleau-Ponty é fundamental para discutir a subjetividade corporificada: “o sujeito-corpo não deve ser tomado como uma substância fechada em si mesma, mas como uma abertura vivida.”

Ou seja, para Merleau-Ponty (1999), a percepção é um elemento que faz com que o indivíduo

2 Tal concepção é colocada para se opor à apreensão que compreende ontologia a partir da prática, dando lugar a reflexão apenas em momentos de crise, sem pensar como existem ocorrências naturais e discursivas que vão além da cumplicidade ontológica fundamentada no habitus (ARCHER, 2011).

se presentifique de maneira interdependente e profunda no mundo. A apreensão que o autor faz também pode ser colocada como uma forte oposição ao conhecimento transcendental kantiano, pois para ele o corpo representa “o que eu vivo” (Merleau-Ponty, 1999) e não a construção racionalista do mundo através de um pensamento afastado dos sentidos. Assim como aponta Merleau-Ponty:

Trata-se de reconhecer a própria consciência como projeto do mundo, destinada a um mundo que ela não abarca nem possui, mas em direção ao qual ela não cessa de se dirigir — e o mundo como este indivíduo pré objetivo cuja unidade imperiosa prescreve à consciência a sua meta. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 19)

Por isso a subjetividade e a consciência são construídas em contato com o mundo, em um emaranhado de relações que os sentidos se dirigem a ele a partir da percepção e o que se vive é ressaltado. Pois é mostrado que a percepção não é um ato de um só indivíduo, ela passa a ser um elemento produtor e produto da interdependência do eu com o outro e com o mundo. Como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 453), “O mundo percebido não é apenas meu mundo, é nele que vejo desenhar-se as condutas de outrem, elas também o visam e ele é o correlativo, não somente de minha consciência, mas ainda de toda consciência que eu possa encontrar.”

A partir de tal apreensão, Merleau-Ponty rompe com ideias kantianas que colocam o verdadeiro conhecimento como fruto de uma crítica superior imanente e enquadra experiências empíricas como responsáveis por turvar a compreensão superior, tornando a percepção apenas como um nível de representação. Ao contrário, a consciência se manifesta no mundo e junto ao outro, pois o ser se relaciona a partir de ordens dos fenômenos e, a partir de tal compreensão, além do ser estar lançado em um aspecto intramundano, ele também se lança em um aspecto interpessoal.

Para endossar tal reflexão, pode-se evocar a leitura que Margaret Archer (2011) realiza da fenomenologia de Merleau-Ponty para ir além da praxiologia de Bourdieu² em relação a níveis do conhecimento:

Merleau-Ponty forneceu-nos uma exposição dos encontros ambientais/corporais através dos quais naturalmente aprendemos a distinguir entre objeto/objeto, sujeito/objeto e sujeito/sujeito, nesta ordem. Tal perspectiva considera e enfatiza as relações de continuidade entre as espécies no sentido de priorizar as práticas que incutem as distinções acima e das quais a aprendizagem de

uma linguagem referencial depende. Isto é feito ao nos incluir no vasto mundo da natureza, e não nos limites estreitos da sociedade. (ARCHER, 2011, p. 60)

A partir das profícuas reflexões de Archer, que compreendem como a natureza se impõe nos processos de socialização, ao mesmo tempo que fogem do biologismo, faz-se possível compreender que o conhecimento e a percepção acontecem a partir de níveis de interação, em que a subjetividade surge através não só das ocorrências, mas de um *continuum* da relação corpo/mundo em que o sujeito tem participação ativa.

Podemos então compreender como o que é vivido também cria conhecimento. Podemos tomar o exemplo dado de uma pessoa que costuma subir uma ladeira e inclinar o corpo um pouco para frente, a partir de tal movimento que não é refletido, mas auxilia subir a ladeira com maior facilidade. Além disso, podemos tomar como exemplo quando alguém está na água, o corpo realiza movimentos e a água empurra de volta fazendo com que o indivíduo se mova.

A partir de tais práticas, é realizada uma construção de conhecimento na relação entre o ser e a natureza. Tal concepção vai além de uma dimensão instintiva, mas mostra como o mundo também se impõe no corpo lançado ao mundo, como acontece uma relação dialética para a construção da consciência e da percepção, pois toda sensação é espacial (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 296).

A Fenomenologia da Percepção Junto a Metamorfose

Assim como foi apontado, o corpo, a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), é colocado em relação ao mundo e os seus sentidos estão voltados para a espacialidade, pois a percepção é um movimento dialético de reconstrução do mundo e reconstrução de si:

Toda sensação é espacial, nós aderimos a essa tese não porque a qualidade enquanto objeto só pode ser pensada no espaço, mas porque, enquanto contato primordial com o ser, enquanto retomada, pelo sujeito que sente, de uma forma de existência indicada pelo sensível, enquanto coexistência entre aquele que sente e o sensível, ela própria é constitutiva de um meio de experiência, quer dizer, de um espaço. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 296)

No que diz respeito à espacialidade, podemos tomar como exemplo, a ocorrência perceptiva narrada ainda na primeira página do livro, em que Gregor percebe o seu quarto diferentemente quando há uma mudança em seu corpo: ““Que aconteceu

comigo?”, pensou ele. Sonho não era. O quarto, o quarto normal de qualquer ser humano, apenas pequeno demais agora, estava ali silencioso entre quatro paredes de sempre.” (KAFKA, 2017, p. 5). Além do presente início, antes do contato com sua família, é narrada toda a dificuldade que Gregor tem em levantar da cama, se colocar de pé e abrir a porta, pois seu corpo havia se transformado e colocou o personagem em descompasso com espaço tão familiar.

Vale destacar, o espaço é frequentemente narrado quando mostra Gregor correndo de seu pai em um ataque de fúria, ao vê-lo em estado de metamorfose. Não só o chão se tornou um espaço para ele percorrer, mas também as paredes e o teto, já que seu novo corpo, com suas pequenas pernas que não o deixavam ficar mais de pé, mas oferecia outros tipos de locomoção.

Além disso, podemos atentar para a relação de Gregor com os móveis. Sua adaptação ao sentir a cama e a dificuldade em realizar atos que antes eram simples, rotineiros e naturalizados, como se levantar. Além das dificuldades na cama, girar a maçaneta da porta se torna algo tão custoso a ponto de gerar angústia, enquanto Gregor também se preocupava em como sua família o veria.

Ou seja, quando o corpo muda, as noções de espacialidade podem acompanhar a mudança do sujeito e algo que não era um problema antes, agora passa a ser. A espacialidade também passa por uma ruptura, seu corpo que foi mudado coloca o personagem em uma crise espacial. Tal acontecimento faz com que Gregor olhe para si mesmo, tenha angústia e busque realizar uma mudança; não da metamorfose, que é irreversível, mas de sua postura no mundo. Pois o corpo exterioriza o sujeito, mas também interioriza a exteriorização, nesse caso, o espaço.

Em relação a ordens do fenômeno, primeiro se faz necessário explicar que existem ocorrências entre o mundo e o sujeito em que a natureza e o mundo também realizam um processo de oposição e resposta diante do próprio processo de intencionalidade que o corpo jogado ao mundo se coloca (MERLEAU-PONTY, 1999). Ou seja, as sensações naturais também produzem conhecimento a partir da percepção, pois o ambiente responde ao corpo.

Além disso, podemos retomar a parte em que Gregor ainda estava se adaptando ao corpo e passou a sentir a gravidade de forma diferente, pois tentava se levantar da cama de um modo tradicional e não conseguia. Ao mesmo tempo que o personagem principal se corroía de culpa, o gerente da empresa onde trabalhava foi até sua casa para questionar sua falta e era preciso sair do quarto. Então ele finalmen-

te realiza seu movimento de saída:

E, mais como consequência do estado de excitação em que essa ideia colocou Gregor do que por resultado de uma decisão de fato, ele se balançou com toda força para fora da cama. Caiu com um baque surdo, mas não fez tanto barulho. A queda fora, de algum modo, absorvida pelo carpete; além disso, as costas de Gregor eram mais elásticas do que ele imaginaria. (KAFKA, 2017, p. 15)

Além de Gregor sentir a gravidade com um maior peso, ao se chocar contra o chão, ele também sentiu de modo diferente. Gregor passa a compreender seu corpo de um outro modo, pois, através do ato de cair e sentir suas costas se chocando com o carpete, ele não só percebe o chão e a gravidade, mas também se percebe. A percepção é um ato dialético de conhecimento mútuo e único, o ator conhece a si conhecendo o mundo e conhece o mundo se conhecendo através dos fenômenos.

Como já foi dito, a vida de Gregor anterior à metamorfose era voltada ao trabalho, para sua família e uma angústia pairava sob o mesmo, pois não tinha tempo para suas próprias vontades, como o desejo de realizar as atividades para além das viagens e se casar, constituindo sua própria família. A partir do fenômeno da metamorfose, não existe uma reorganização apenas do seu corpo em contato com o mundo, mas suas preocupações e reflexividade também mudarão, rompendo assim a dualidade entre corpo e mente a que Merleau-Ponty se opõe e mostrando como a consciência também é corporificada.

Gregor reorganiza suas preocupações em três níveis a partir do seu corpo novo. Como foi falado anteriormente, há uma mudança em nível natural de se relacionar com o mundo, há uma mudança prática nos papéis sociais que exercia (assim como quem ele é na família) e uma mudança sobre si, como ele se vê diante de seu corpo.

Na mudança sobre si, pode-se ver na terceira parte do livro, quando Gregor olha para o passado e vê que seu dinheiro (que era muito, assim como os custos da família) era todo colocado para sua família, eles aceitavam com gratidão, ainda que a relação funcionasse na dinâmica de um dever, e ele o entregava com alegria.

Após a sua mudança de corpo, Gregor também mudou de papel social, os discursos começaram a interpretar seu corpo e ele foi ficando confinado à ideia de monstro. Já não se comunicava com sua família a partir de signos linguísticos, pois seu aparelho auditivo e cordas vocais haviam se transformado. Seus signos proferidos com a boca só podiam ser entendidos por ele, seu papel social foi colocado como amorfo, uma vez que não conseguia estabe-

lecer uma relação de linguagem comum com seus familiares.

Gregor só encontra uma fuga e ressignificação do seu corpo, que foi colocado como abjeto, ao ver um invasor entrando de maneira sorrateira em sua casa enquanto sua família estava distraída. Ao perceber o que estava acontecendo, Gregor realiza um movimento de perseguição para assustá-lo e, finalmente, vê uma prática que seu corpo consegue executar dentro de um papel social na família. Como a prática foi bem sucedida, Gregor manifesta sentir autoestima com a tarefa.

Diante disso pode-se ver a primazia da prática (MERLEAU-PONTY, 1999) nas relações sociais, pois Gregor, ao exercer essa prática de perseguição, colocando-se em um papel similar a de um cão que age como guarda, mesmo sem conseguir falar, agiu de modo a gerar confiança e um processo, mesmo que momentâneo, de satisfação interpessoal.

Mesmo que a filosofia de Merleau-Ponty não se guie para tal leitura, é possível tecer uma análise pessimista diante do final da narrativa sobre A Metamorfose (KAFKA, 2017) e dos papéis reflexivos sobre o lugar de Gregor, que se coloca em processo de aceitação e angústia, geradas pelo luto de si mesmo que rompe qualquer ideia de futuro e sonhos. Como afirma Kafka (2017) ao narrar os momentos finais de Gregor:

Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. Permaneceu nesse estado de meditação vazia e pacífica até que o relógio da torre bateu a terceira hora da manhã. Ele ainda vivenciou o início do clarear geral do dia lá do lado de fora da janela. Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluiu fraco e último fôlego. (KAFKA, 2017, p 67)

Esse foi o último momento de Gregor antes de se tornar um cadáver, pouco depois de aceitar que não poderia mais se mexer e, estranhando a si, se pergunta como conseguia andar com aquele corpo. Passou a sentir-se confortável mesmo sentindo dores em seu corpo inteiro, pois a morte acabou acalentando a angústia.

Então podemos recorrer à reflexão de Freitas (2013), que utiliza a fenomenologia para tecer uma discussão sobre o luto:

Todos os sentidos partilhados em uma vivência eu-tu entre o morto e o enlutado, continuam a “falar”, entretanto, são desconexos e exigem serem vividos de uma nova forma, ou mesmo com novas significações. Enquanto as novas formas de sentido e os rituais que permitirão ou não essa passagem são estruturados culturalmente, a mudança é intrínseca à coexistência, ao

fato de que nossa subjetividade revela-se apenas como intersubjetividade, ou “surja de mundo”, como descrito por Merleau-Ponty. (FREITAS, 2013, p. 103)

Assim como já foi afirmado na parte anterior, para Merleau-Ponty o corpo não se reconhece apenas em contato com o mundo, mas também como o outro por conta de sua interdependência, pois a relação acontece a partir dos pronomes eu-tu em que o ser se reconhece no entre.

O luto promove uma mudança no eu, pois o eu se relaciona com o outro que já não está mais presente. No entanto, o outro ainda se anuncia no mundo, mesmo com poucas possibilidades de expressão da relação, pois as lembranças entram na relação ao invés da presença, porque a corporeidade se desfaz com a morte (MERLEAU-PONTY, 2003).

Gregor, que já não ocupava outros papéis sociais, nem mesmo aqueles que representavam uma condição de servir a sua família e a sua empresa dentro do sistema capitalista. Então Gregor passa a ter um processo de luto por si mesmo, em que acontece um estranhamento acompanhado de conforto. Não restarão mais a sua presença nem a sua própria memória, que foi sumindo apesar de se lembrar, uma última vez, da sua família. Pois até sua consciência o abandona quando ele se torna um cadáver e, assim, desloca esse corpo do mundo.

Conclusão

O artigo tece uma discussão para pensar como a angústia é aberta a partir de uma ontologia do corpo, pensando como as crises podem ser vistas a partir de uma ótica da fenomenologia da percepção.

Também foi discutido como a fenomenologia de Merleau-Ponty pode ser um recurso para pensar além de óticas cartesianas e idealistas que colocam a percepção e as experiências sensoriais como elementos para turvar a realidade. É importante ressaltar que a abordagem fenomenológica direciona para uma vivência intersubjetiva entre o eu, o outro e o mundo, em que a percepção é a chave de ligação e constituição do sujeito.

Em relação a processos de crise, mudanças no corpo e subjetividade em *A Metamorfose* (KAFKA, 2017), é importante ressaltar que, apesar de um sujeito se tornar um inseto não ser uma prática que tem uma fundamentação real, a literatura kafkiana traz reflexões profícuas para se pensar como o corpo se relaciona a outras dimensões da vida que vão além de perspectivas biologizantes. As intercorrências que passam pelo corpo e produzem rupturas biográficas podem propiciar mudanças subjetivas tanto em

como o indivíduo se relaciona com o espaço em volta, tanto com sua ligação a papéis sociais e processos de angústia reflexiva.

Os aspectos mencionados acima foram discutidos através de uma ótica da fenomenologia da percepção, pensando a relação do corpo com a espacialidade, ao discutir, por exemplo, como Gregor se levanta da cama e realiza outras tarefas, além da mudança de relações práticas com sua família, seu processo de abandono da vida e aceitação da morte.

Além do mais, a filosofia de Merleau-Ponty permite que façamos análises intersubjetivas e relacionais a partir de elementos existenciais, ao mesmo tempo em que rompe com oposições entre corpo e mundo. Tal perspectiva traz ferramentas reflexivas para articular dimensões subjetivas e cognitivas e trilhar caminhos epistemológicos que tangenciam o conhecimento a partir da percepção para a construção da subjetividade através do corpo.

Referências

Anders, Gunter. **Kafka**: Pour et contre. Estrasburgo: Éditions Circé, 1990.

Archer, Margaret. **Being human**: The Problem of Agency. Cambridge: Cambridge University Press, 2000b.

Archer, Margaret. Habitus, reflexividade e realismo. Dados [online]. 2011, v. 54, n. 1 [Acessado 25 Agosto 2022] , pp. 157-206. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582011000100005>>.

Freitas, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672013000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 10 de junho de 2023.

Goffman, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Garfinkel, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis: Vozes. 2018.

Giddens, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Heidegger, Martin. Ser e Tempo: Parte I. 15. ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Hughes, Everett. *The Sociological Eye*. New Jersey: Transaction Publisher, 1993.

Husserl, Edmundo. **A Ideia da Fenomenologia**. Lisboa, Ed.70, 2014.

Kafka, F. **A Metamorfose**. São Paulo: NS, 2017.

Lahire, Bernard. Elementos Para Teoria da Criação Literária: O caso de Kafka. **Sociologias**, Porto Alegre, ed. 47, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/75433>. Acesso em: 22 junho de 2023.

Latour, Bruno. **After Lockdown: A Metamorphosis**. 1. ed. Polity Press, 2021.

Le Breton, **David**. **Desaparecer de Si**: Uma Tentação Contemporânea. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

Merleau-Ponty, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Merleau-Ponty, Maurice. **A Estrutura do Comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

Merleau-Ponty, Maurice. **O Visível e o Invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Ramos, Joranaide Alves; Ferreira, Natalia de Souza. UMA ANÁLISE SOBRE EXISTENCIALISMO E IDENTIDADE EM A METAMORFOSE DE KAFKA. **RIOS: Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco**, Bahia, v. 14, ed. 27, 2020.

Soneghet, Lucas Faial. A subjetividade corporificada nos marcos da sociologia existencial. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, v. 21, n. 1, acessado em 19 de junho de 2023, p. 23–34, 2021. Disponível em: DOI: 10.15448/1984-7289.2021.1.38992.